

A EDUCAÇÃO E O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE – UM HOMEM À FRENTE DO SEU TEMPO

Rômulo de Andrade Moreira*

Convidado a participar da Jornada Pedagógica do Centro de Estudos do Grupo Educacional Anchieta, em Salvador, no dia 17 de fevereiro deste ano, abordando o tema “Escola: Lugar de Formar e Cuidar”, achei que deveria reler parte da obra de Paulo Freire, para mim, uma das três maiores referências no estudo e no desenvolvimento da Educação no Brasil, ao lado de Anísio Teixeira e Darci Ribeiro.

Dei preferência, diante da imensidão da obra Freiriana, a três dentre os seus inúmeros livros: “Pedagogia da Autonomia”, “Pedagogia do Oprimido” e “À sombra desta Mangueira”, além de um “livro falado” – “O Caminho se faz Caminhando: Conversas sobre Educação e Mudança Social”, transcrição de um longo e proveitoso diálogo entre Paulo Freire e Myles Horton, educador americano, co-fundador, em 1932, da Highlander Folk School e militante no Movimento de Direitos Civis, figura que influenciou, dentre outros, Martin Luther King.

Ao falar sobre Educação, Paulo Freire partia de um pressuposto segundo o qual “*não há docência sem discência*”, pois “*quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.*”

Para ele, ensinar não poderia ser uma mera transferência de conhecimento, mas, muito mais, uma criação de “*possibilidades para a sua produção ou a sua construção.*”

Freire não via o aluno/educando/aluna/educanda como um mero objeto do conhecimento do educador/educadora, sendo este apenas o sujeito do processo: um que é formado (e tomado por objeto), outro que forma (o sujeito).

*Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia e Professor de Direito Processual Penal na Faculdade de Direito da Universidade Salvador - UNIFACS.

Ao contrário, esta relação não era de subordinação, mas de coordenação, devendo ficar claro “*que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.*” Logo, docente e discente são, ambos, sujeitos do mesmo processo de conhecimento, não sendo um objeto do outro.

Dizia ele: “*ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar.*”

Paulo condenava o que ele chamava de “*ensino bancário*” em que “*o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.*”

O ensino bancário, burocratizado, autoritário, insensível, acrítico, é típico de uma “*ideologia da opressão*”, em que o (a) educador (a) “*será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem*”, negando, por conseguinte, “*a educação e o conhecimento como processos de busca.*” Algo muito parecido com a tal ideia da “*escola sem partido*”, inconcebível com o fato de que “*ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra.*” Portanto, trata-se de uma estupidez!, pensar em um espaço pedagógico neutro, “*como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra.*”

A concepção da chamada escola sem partido, desde um ponto de vista “*dos interesses dominantes*”, exige “*uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades.*” Freire falava na “*politicidade da educação, ou seja, a qualidade de ser política, inerente à sua natureza.*”

Freire pregava a educação “*problematizadora e libertadora*”, na qual o (a) educador (a) é, antes de tudo, um “*humanista, revolucionário*”, crente não em seu saber absoluto e onipotente, mas, ao contrário, crente nos homens e “*no seu poder criador*”, sendo um verdadeiro “*companheiro dos educandos, em suas relações com estes.*”

Na Educação bancária revela-se a natureza opressora do ensino e do ensinar, obstaculizando “*a atuação dos homens como sujeitos de sua ação, como seres de opção, frustrando-os.*”

Já na Educação problematizadora respeita-se, sobretudo, a autonomia e a dignidade do (a) educando (a), privilegiando a crítica e o diálogo. Este respeito erige-se como um “*verdadeiro imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.*”

O espaço da escola, portanto, é, especialmente, um espaço de crítica e de diálogo permanente e dinâmico, “*prática fundamental à natureza humana e à democracia*”, uma verdadeira “*exigência epistemológica*.”

Aqui, e não lá, incentiva-se durante todo o processo educador a criatividade, a rebeldia, a insubmissão e a curiosidade (não a “*curiosidade ingênua – que caracteriza o senso comum*”, mas a “*epistemológica*”).

A (o) educanda (o) deve ser estimulada (o) constantemente a exercer a “*sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se*”, imunizando-a (o), assim, “*contra o poder apassivador do ‘bancarismo’*.”

O aprender e o ensinar são tarefas que exigem este dinamismo decorrente do aprender e do ensinar com uma visão crítica e sempre reflexiva. Não há espaço para meros “*depositantes*” de conhecimentos e, conseqüentemente, de “*depositários*” de saberes.

O espaço onde alguém ensina (aprendendo) e outro aprende (ensinando) deve ser libertador, não alienante, mas uma libertação autêntica: “*não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo*.” Não se trata de uma liberdade sem limite, óbvio que não!, pois “*não é possível autoridade sem liberdade e esta sem aquela*.”

Na Educação problematizadora educadores e educandos devem, todos!, ser “*instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes*.” “*Um aventureiro responsável!*” Aqui, a professora ou o professor não confunde autoridade com autoritarismo, liberdade com licenciosidade. A autoridade mostra-se na “*segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se*.”

No diálogo com Myles, transcrito para o livro acima referido, o educador americano afirma que usava as “*perguntas mais do que qualquer outra coisa*”, pois “*a razão pela qual você fez a pergunta é porque você sabe algo*.” Assim, o ativista americano “*redescobriu o que sabia há muito tempo, ou seja, que uma das melhores maneiras de educar é fazer perguntas*”, o que “*não é praticado muito extensivamente na vida acadêmica*.”

Uma outra grande e valiosa lição de Freire é a que afirma tratar-se o ser humano de um sujeito inacabado e inconcluso. Aliás, “*o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida há inacabamento*.” O ser

humano, enquanto ser inacabado, rejeita a “*inexorabilidade do futuro*” e o determinismo fatalista típico do discurso neoliberal: “*pragmático e reacionário.*”

Também a esperança não foi omitida dos textos de Paulo Freire, para quem aquela “*faz parte da natureza humana*”, razão pela qual devemos sempre lutar para “*diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza.*”

Ele não concebia, e achava mesmo uma contradição, “*que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa.*”

Enfim..., muita coisa ainda haveria para se dizer sobre a genialidade de Paulo Freire, um educador que se negava, tal como Simone de Beauvoir, a “*arrastar consigo, para a morte, a humanidade inteira.*” Freire não era um educador burguês que profetizava “*o naufrágio universal.*” Seu pensamento não era, portanto, como se referia Beauvoir, “*catastrófico e vazio.*”¹

¹ O Pensamento de Direita, Hoje, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, página 112.